

# A Utopia Não Interessa?

Ruth Levitas | Universidade de Bristol, Reino Unido

Trad. Luciana Peixoto\*



Dossier

Utopia: lugar imaginário e perfeito, e portanto impossível.

Utópico (adj.): impraticável, irrealista, demasiado optimista; totalitário.

Utópico (n.): sonhador benevolente, mas insensato; maquinador malévolo.

Estudos Utópicos: sub-área dos estudos literários e culturais, por vezes abrangendo estilos de vida excêntricos de grupos marginais da sociedade, isto é, sub-culturas.

Utopista: académico inofensivo, mas irrelevante, que estuda os sonhos esotéricos e os planos dos utópicos.

Resumo: A utopia não interessa.

Contudo, a utopia interessa, quer a nível existencial quer a nível político. Ernst Bloch propôs a existência de um impulso utópico, um dado antropológico que confirma a tendência humana para desejar e imaginar uma vida diferente. A necessidade, sempre presente, de historizar a ideia da natureza humana deverá tornar-nos prudentes em relação à pretensão à universalidade, mas estas fantasias são próprias da cultura humana. Se a utopia for entendida como a expressão do desejo de se ser melhor, então talvez seja uma versão (por vezes) secularizada da busca espiritual para compreendermos quem somos, por que estamos aqui e como nos relacionamos uns com os outros. É uma busca da totalidade, de nos sentirmos em casa no mundo ou, como diz Bloch, *heimat*. Neste sentido, a utopia não necessita da construção imaginária de mundos completamente diferentes. Apresenta-se como um elemento característico de uma vasta gama de acções e da própria cultura humana. Na série televisiva de Dennis Potter, *Pennies from Heaven*, o protagonista Arthur Parker explica o sentido das canções populares dos anos 30: "É a busca do azul" ["It's looking for the blue"]. Claude Monet encontra esse azul em 1903 no quadro *Charing Cross Bridge, Brouillard sur la Tamise*. A luz no centro, que torna os quadros de Turner e de Monet tão utópicos e poderosos, deu também o mote ao quadro *Wonderland* (1894), de August Strindberg, e surge como o horizonte da esperança nas suas paisagens marítimas mais sombrias. A utopia também

## Citação

Ruth Levitas, "A Utopia Não Interessa?" Trad. Luciana Peixoto. *Via Panorâmica: Revista Electrónica de Estudos Anglo-Americanos/An Anglo-American Studies Journal* 2.<sup>a</sup> ser. 1 (2008): 14-19. Web. <<http://ler.letras.up.pt>>

implica recusa: recusa em aceitar que o que se tem é suficiente; recusa em aceitar que viver para além do presente é insensato; recusa em aceitar sem questionar o conceito de bem ou a ideia de que não há alternativa. A trilogia de Philip Pullman, *Mundos Paralelos*, tem como tema central a recusa da ideia do pecado original (e, intertextualmente, a recusa dos *tropos* de *As Crônicas de Narnia*, de C. S. Lewis). Para Pullman, a puberdade não representa a Queda, a perda da situação privilegiada da inocência e da pureza, muito pelo contrário: a possibilidade de amor sexual, experiência e sabedoria permitem que se alcance o estado de graça.<sup>1</sup>

Tal como Bloch, Pullman recusa a ideia de céu, ou utopia, em qualquer outro lugar. Para nós, não há qualquer outro lugar e a nossa tarefa é criar a República do Céu. Nesta altura, o existencial passa a político. Ou antes, a dependência do existencial do político torna-se explícita. Como tal, parafraseando John Ruskin, estamos preocupados com o tipo de vida que é boa para os seres humanos e que os torna felizes. Estamos inevitavelmente preocupados com a sociedade como estrutura e não apenas com o domínio da estética. Isto, como é óbvio, é muito mais problemático, pois é aqui que o termo “utópico” transporta o sentido de totalitarismo: os “maus” utópicos não são os que sonham com outros mundos, mas os que procuram impô-los. Contudo, o problema do totalitarismo é apenas o seu totalitarismo. O utopismo não representa um problema. Todas as posições políticas incorporam uma ideia da boa sociedade e dos princípios que esta deve ter como base. A descrição da política dos outros indivíduos como utópica é um meio para os desacreditar, para os rotular de irrealistas e perigosos, e para defender que não há nenhuma alternativa ao *status quo*. No entanto, do ponto de vista político, há uma necessidade urgente de alternativas. A política global é dominada pela utopia do crescimento ou do “desenvolvimento”. Isto é ainda mais importante do que o domínio do capitalismo global pelos Estados Unidos, embora ambos estejam intrinsecamente ligados. Paul Wolfowitz, neoconservador e arquitecto principal da guerra do Iraque, foi nomeado Presidente do Banco Mundial. O novo Presidente da Unicef está também, para consternação dos que lutam contra a pobreza, empenhado no mercado “livre”. Os processos do aquecimento global – como resultado das excessivas emissões de dióxido de carbono – e do escurecimento global – como resultado da poluição atmosférica – deverão diminuir a obsessão pelo crescimento. A escassez de recursos, no caso do petróleo e da água, já está na origem dos conflitos no Iraque e no Médio Oriente. A trilogia *Mundos Paralelos* insiste na questão da responsabilidade. Contudo, em relação a este assunto, a actual política “oficial” no mundo é profundamente irresponsável. A recusa em levar a sério o problema urgente das alterações

climáticas está bem representada no famoso filme *O Dia Depois de Amanhã* [*The Day After Tomorrow*]. Num cenário onde políticos e povos caminham como sonâmbulos em direcção à catástrofe, a utopia nunca foi tão necessária, se por utopia entendermos a capacidade de se pensar numa forma diferente de organizar a produção do nosso sustento e as nossas relações sociais, bem como nos agentes da transformação.<sup>2</sup> A política exige a busca do verde, mas também a busca do azul.

Nem a importância existencial nem a importância política da utopia se relacionam directamente com o *estudo* do utopismo. Serão os utopistas, de facto, académicos inofensivos, mas irrelevantes, que estudam os sonhos esotéricos e os planos dos utópicos? Isto é frequentemente verdade. A utopia é o objecto de estudo, um tipo de antropologia cultural de carência e de desejo. Tal estudo poderá, indirectamente, alimentar a legitimidade de se sonhar com um mundo melhor. Poderá fornecer, como defende Raymond Williams, recursos de esperança (ver Williams). Poderá até desvendar ou elaborar ideias que podem ser utilizadas na busca do verde. Contudo, há o risco de os estudos utópicos se tornarem num outro enclave académico onde se possam construir carreiras em segurança, um processo que normalmente depende de não se fazer nada tão profissionalmente embaraçoso como procurar o azul. No entanto, os Estudos Utópicos foram sobretudo orientados para a utopia como objecto, em termos de conteúdo, forma ou função. Alguns, particularmente Fredric Jameson, preferiram falar da Utopia como um processo. O processo de imaginar utopias atira-nos contra os limites da nossa imaginação, revelando o fim ideológico do presente. O azul permanece para além de qualquer tentativa de representação. Contudo, na estrutura de Jameson, a utopia está necessariamente para além, ou é diferente, da política.<sup>3</sup> Procurar o verde é “apenas política”.<sup>4</sup>

A face política da utopia dentro da academia estará talvez mais bem preservada se pensarmos na utopia como um método, um método que envolve a reconstituição imaginária da sociedade (IROS - Imaginary Reconstitution of Society) (ver Levitas “The Imaginary Reconstitution of Society” 47-68). Do ponto de vista arqueológico, implica a descoberta das ideias da boa sociedade incorporada em posições políticas. O meu próprio trabalho incluiu a investigação do utopismo encoberto da Nova Direita, com as suas utopias filosoficamente contraditórias e iguais do mercado livre e do estado forte, e a exploração da utopia meritocrática no âmago do Novo Trabalhismo e respectivas leituras de inclusão e exclusão social. A finalidade é expor suposições normativas ocultas e propostas sociais relacionadas com a interrogação e a discussão. É simultaneamente desconstrutivo, no sentido estrito da descoberta de suposições não mencionadas que poderão entrar em conflito com pretensões evidentes, e

construtivo, pois este processo é efectuado através de um modelo holístico da sociedade implícita. O método tem também um ponto de vista secundário, arquitectural: o modelo de sistemas sociais alternativos. Neste ponto, iria mais longe do que Vince Geoghegan, que define os méritos do pensamento utópico em termos de descrição “compacta” e não “superficial” (Geoghegan 23-26), pois considero que uma característica crucial da utopia como método é o seu holismo. Inclui os objectivos normativos da filosofia política (igualdade, justiça, liberdade, entre outros) e representa a sua instância concreta não só em instituições políticas como também num *sistema* social completo. As utopias representam exercícios de pensamento colectivo. Não são geradas como pontos de partida, mas como hipóteses provisórias para discussão e pareceres sobre a República do Céu. Através desse modelo poderíamos, por exemplo, ser capazes de pensar nas implicações do aquecimento global na organização social e na vida humana, e na variedade de possibilidades que temos ao nosso dispor. Contudo, tal método, se tiver como finalidade escapar à armadilha do utilitarismo, tem de incluir um terceiro aspecto: a consideração do tipo de *eu* que é possível na sociedade postulada. Quais são as consequências existenciais? Onde está o azul? Na minha opinião, é um método que H. G. Wells tinha planeado quando defendeu que “a criação de utopias, e a sua crítica exaustiva, é o método apropriado e exaustivo da sociologia” (Wells n. pag.).

No final, a utopia pode interessar no âmbito da academia apenas pelas razões pelas quais interessa no exterior. Por termos criado um mundo inadequado para a vida. Por ser da nossa responsabilidade criar a República do Céu. Porque, apesar de tudo, muitos de nós ainda estão à procura do azul e do verde. ■

## Notas

---

\* Revisão e supervisão de Fátima Vieira, no âmbito do Seminário de "Revisão e Edição de Textos" do Curso de Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos da FLUP (ano lectivo de 2007-2008).

<sup>1</sup> Poderá pensar-se que vivemos numa cultura predominantemente distópica. Todavia, os exemplos apresentados foram retirados de fontes disponíveis desde finais de 2004 até inícios de 2005 em Londres, Paris ou Toronto e que mostram que os elementos utópicos também são prevalentes. *Pennies from Heaven*, de Dennis Potter, série apresentada originalmente em 1978, foi de novo apresentada na televisão britânica no início de 2005. A grande exposição *TurnerWhistlerMonet* percorreu Toronto, Paris e Londres entre o Verão de 2004 e o Verão de 2005. A exposição *August Strindberg: Painter, Photographer, Writer* [*August Strindberg: Pintor, Fotógrafo e Escritor*] foi apresentada no museu *Tate Modern* na Primavera de 2005. A trilogia *Mundos Paralelos*, de Philip Pullman, alcançou um número de vendas extraordinário entre crianças e adultos e foi posta em cena no National Theatre, em Londres, em 2004-05.

<sup>2</sup> Sobre a ideia de agente de transformação, ver, por exemplo, Hardt and Negri; Harvey.

<sup>3</sup> Para um debate mais aprofundado da utopia como processo, ver Levitas, "For Utopia" 25-43.

<sup>4</sup> Excerto da resposta de Jameson à minha pergunta na 4.<sup>a</sup> Conferência Internacional da Sociedade de Estudos Utópicos, realizada em Madrid, em 2003.

## Obras Citadas

- Geoghegan, Vincent. "What Is Your Field?" *Utopia Matters: Theory, Politics, Literature and the Arts*. Ed. Fátima Vieira and Marinela Freitas. Porto: UP, 2005. 23-26.
- Hardt, M., and A. Negri. *Empire*. Cambridge: Harvard UP, 2000.
- Harvey, David. *Spaces of Hope*. Edinburgh: Edinburgh UP, 2000.
- Levitas, Ruth. "For Utopia: The (Limits of) the Utopian Function in Late Capitalist Society." *The Philosophy of Utopia*. Ed. Barbara Goodwin. London: Frank Cass, 2001. 25-43.
- . "The Imaginary Reconstitution of Society: Utopia as Method." *Utopia Method Vision*. Ed. Tom Moylan and Rafaella Baccolini. Bern: Peter Lang, 2006. 47-68.
- Wells, H. G. "The So-Called Science of Sociology." *An Englishman Looks at the World*. London: Cassel & Co, 1914.
- Williams, Raymond. *Resources of Hope: Culture, Democracy, Socialism*. London: Verso, 1989. N.pag. *Project Gutenberg*. Web. 12 Dec 2008.